CRÔNICA: UM GÊNERO ENTRE

TITLE: CHRONICLE: A GENDER IN-BETWEEN

Fernanda Antunes Gomes

Doutoranda de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa - UFRJ

RESUMO:

Este artigo procura tecer reflexões sobre algumas das características da crônica. Busca indagar de que maneira o narrador desse tipo de texto, ora factual, ora ficcional, constrói o caráter intimista desse estilo narrativo. Para isso, analisamos textos de cronistas das literaturas brasileira e africanas de língua portuguesa. Reconhecemos, assim, o "lugar desse gênero", ou melhor, o seu "entrelugar", tendo em vista o caráter multifacetado dessas narrações.

PALAVRAS-CHAVE: crônica; narrador; literaturas africanas de língua portuguesa.

ABSTRACT:

This article aims a reflection on some features of the chronicle. It tries to inquire how narrators of this kind of text, sometimes being factual, sometimes being fictional, construct the intimist disposition of this narrative style. Therefore, we have analyzed chroniclers of Brazilian and Portuguese African literatures. Beyond that, we try to recognize the place or even better the inbetween place of this literary gender.

KEYWORDS: chronicle; narrator; Portuguese African literature.

> A crônica não quer abafar ninguém, só quer mostrar que faz literatura também. (SANTOS, 2007, p. 15)

Vejamos o significado da palavra crônica no *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*:

> 1. Narração histórica, ou registro de fatos comuns, feitos por ordem cronológica. 2. Pequeno conto de enredo indeterminado. 3. Texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, e que tem como temas fatos ou ideias da atualidade, de teor artístico, político, esportivo, etc., ou simplesmente relativos à vida cotidiana. (HOLLANDA, 2002, CD-ROM)

Narração histórica, texto jornalístico, pequeno conto de enredo indeterminado. Escolhemos essas definições do *Dicionário Aurélio* para iniciarmos nossa reflexão acerca desse gênero e percebemos que muitas tentativas de explicação são dadas por intermédio de perguntas: O que é a crônica? De onde ela nasceu? Quais são suas características? Esse gênero pertence ao Jornalismo ou à Literatura? Nenhuma das

respostas; porém, é definitiva, o que revela ser a crônica um gênero polêmico que, quando se faz assunto, sempre gera uma discussão a mais. Assim, observamos que falar de crônica já é um ótimo motivo para fazer nascer uma crônica.

Este artigo não tem a pretensão de lançar mais uma explicação que (in)determine as questões acima levantadas, mas procurará tecer reflexões sobre as características da crônica, fazendo também comentários relativos ao gênero em questão.

Jorge de Sá ressalta que o cronista "não se limita a descrever o objeto que tem diante de si, mas o examina, penetra-o [*sic*] e o recria, buscando a sua essência. (...) É preciso ir mais longe, (...) buscar exatamente aquilo que caracteriza a poesia: a imagem" (SÁ, 2005, p. 48). Drummond (1988, p. 74), em "Assiste à demolição", busca esse sentido profundo e faz com que o leitor mergulhe no seu tecer poético-narrativo, recriando e examinado o objeto descrito na crônica.

> Começou a demolição. Passando pela rua, ele viu a casa já sem telhado, e operários, na poeira, removendo caibros. Aquele telhado que lhe dera tanto trabalho por causa das goteiras, tapadas aqui, reaparecendo ali. Seu quarto de dormir estava exposto ao céu, no calor da manhã. Ao fundo, no terraço, tinham desaparecido as colunas da pérgula, e a cobertura de ramos de buganvília – dois troncos subindo do pátio lá embaixo e enchendo de florinhas vermelhas o chão de ladrilho, onde gatos da vizinhança amavam fazer sesta e surpreender tico-ticos (DRUMMOND, 1988, p.74).

Notamos que, como enfatizou Jorge de Sá (2005, p. 75), mesmo que o narrador não se coloque na primeira pessoa e se dirija claramente a um interlocutor, a ideia de diálogo deve permanecer. E, nessa crônica de Drummond, isso acontece. Ele convida o leitor a dialogar, a discutir acerca do que representa aquela imagem da demolição. Teria o morador se desesperado perante a perda de seu lar? Teria sido justa aquela demolição?

Drummond, nesse texto, guia o leitor pelas suas veredas narrativas para levá-lo à seguinte questão: não devemos nos prender à ilusão de permanência (ANDRADE, 1998, p. 76). Para defender tal posição, descreve o morador que, forte e tranquilo, assiste ao desmoronamento de sua moradia:

> E não sentiu dor vendo esfarinharem-se esses compartimentos de sua história pessoal. Nem sequer a melancolia do desvanecimento das coisas físicas. Elas tinham durado, cumprido a tarefa. Chega o instante em que compreendemos a demolição como um resgate de formas cansadas, sentença de liberdade. Talvez sejamos levados a essa compreensão pelo trabalho similar, mais surdo, que se vai desenvolvendo em nós. E não é preciso imaginar a alegria de formas novas, mais claras, a surgirem constantemente de formas caducas, para aceitar de coração sereno o fim das coisas que se ligaram à nossa vida (DRUMMOND, 1988, p.75).

Nessa poesia que se quer prosa, na verdade uma crônica poética, Drummond defende o valor da vida e a busca pelo novo, pela mudança que deve todo ser humano almejar. A crônica também é assim: não quer caducar, não quer ser uma forma cansada e procura a sentença de liberdade, recitada por Drummond. Talvez por isso, permita-se flutuar pelas formas dos gêneros literários.

No livro *A companheira de viagem*, de Fernando Sabino, há uma nota inicial, assinada pelo autor, que mostra a confluência entre a crônica e o conto. Sabino diz que, apesar da designação de crônicas, seus textos apresentam tratamento de ficção característico dos contos e das histórias curtas (SABINO, 1965, p. 5).

No texto "Cem cruzeiros a mais" (SABINO, 1965, p. 28), percebemos essa ambiguidade da crônica. A narrativa descortina a via-crúcis de um funcionário, que tenta devolver cem cruzeiros a mais, recebidos erroneamente, ao retirar seu pagamento no Ministério. A burocracia é enorme! O homem tenta resolver seu problema em vários departamentos e com vários funcionários, mas esbarra sempre na hierarquia pública. Resolve, então, "furar" o protocolo: o honesto cidadão dirigiu-se ao guichê onde recebera o dinheiro, fez da nota de cem cruzeiros uma bolinha, atirou-a lá dentro por cima do vidro e foi-se embora (SABINO, 1965, p. 30).

Nessa narrativa, depreendemos a construção de um diálogo entre personagens ficcionais, num tempo também ficcional. A crônica desfaz os laços com o circunstancial, com a realidade. Há uma só ação, um só foco temático, como é comum aos contos. O narrador não se apresenta em primeira pessoa, como é frequente nas crônicas e há uma perspectiva do cronista de distanciar-se do narrador, uma vez que na crônica a voz do narrador é a voz do cronista, explica Jorge de Sá (2005, p. 29). O dialogismo não é feito de forma direta. Há um diálogo nas entrelinhas, o que leva o leitor a uma reflexão.

Afrânio Coutinho (2003, p. 133) afirma que é mesmo da própria natureza da crônica a flexibilidade, a mobilidade, a irregularidade. Notamos que a crônica é um gênero "entre": entre o jornalismo e a literatura; entre a crônica e o conto. E realmente acreditamos que esse gênero se quer "entre", porém, sempre entre amigos, podendo, assim, preservar sua característica maior: a informalidade.

Ferreira Gullar, em "Crônica", mostra como os cronistas acrescentam à prosa do cotidiano o lirismo, o humor, o drama, os elementos ficcionais. Demonstra que, por ser esse gênero "entre", a crônica, geralmente, deixa uma fresta aberta, enriquecendo a arte

de cronicar, ou melhor, tornando possível o prazer de quem deseja percorrer o tecer narrativo e lírico desse tipo de texto. Vejamos as palavras de Gullar:

> Mas a janela está aberta e o dia balança suas folhas e suas toalhas nesta manhã de Ipanema. Rubem Braga meteu na crônica as flores, as borboletas e, mais recentemente, um pavão. Bandeira e Drummond, uma ironia fina, alegre e triste, enquanto Fernando Sabino a tornou veloz e estonteante, cheia de casos, tudo com um delicioso ar de mentira. São mestres, como outros, e os campeões da crase quando erram ditam lei. Quer dizer, não erram. Tudo o que o velho Braga escreve é crônica! Fico bobo de ver. E os outros também: no barbeiro, na praia, na própria Câmara Federal, descobrem assunto, coisas que a gente lê como se comesse. (GULLAR, 2004, p. 15)

A crônica é vento a balançar folhas pela manhã; contudo, alguns escritores fazem com que ela agite a vegetação das árvores diariamente. E mesmo não sendo escrita para almejar a posteridade, às vezes deseja "saltar" o caráter passageiro dos jornais, rumo ao ritmo duradouro dos livros. Dessa forma, ensina Antonio Candido que "a crônica consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo (...) e quando passa do jornal ao livro, verificamos meio espantados que sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava" (CANDIDO, 1992, pp.14-15). Dos jornais para o livro, a crônica supera a transitoriedade e deixa de ser um mero painel fragmentado das páginas jornalísticas, tornando-se eterna. Cabe ao autor de crônicas selecionar com arte seus melhores textos, atribuindo-lhes uma sequência temporal e temática.

Segundo Jorge de Sá (2005, p. 85), quando a crônica se quer livro, a atitude diante do texto é que muda, pois o público leitor será mais seletivo e não mais tão apressado quanto é o dos jornais. Isso faz com que os leitores saboreiem as crônicas num tom mais reflexivo e intenso, permitindo novas possibilidades interpretativas a partir de cada releitura. (SÁ, 2005, p. 86)

Fadada ao esquecimento ou não, a crônica, mesmo que por um instante, nos faz pensar, refletir, discutir, dialogar com o nosso tempo. Há quem considere esse gênero menor. E, "graças a Deus", isso acontece, conforme a opinião de Antonio Candido:

> Parece mesmo que a crônica é um gênero menor. "Graças a Deus" – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para vida, que ela serve de perto, mas para a literatura (...) Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque ela elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade

> de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição (CANDIDO, 1992, p. 13).

Autores africanos como Ernesto Lara Filho, Mia Couto, Manuel Rui, Germano Almeida, José Eduardo Agualusa, Arnaldo Santos, entre outros, também lançaram mão desse "gênero menor" e o tornaram gigante a partir de suas sensibilidade e poeticidade. Apreciemos, então, alguns exemplos.

No prefácio do livro *Crónicas da roda gigante*, de Ernesto Lara Filho, aprendemos algo sobre a história da crônica em Angola, por meio das linhas desenhadas por Artur Queiroz. Vejamos o que suas palavras nos ensinam:

> No período áureo das permutas com o interior e da escravatura, surge no país uma imprensa combativa, na qual se destacaram vários angolanos como cronistas. Já no período da queda da burguesia negra, essa imprensa ganha ainda mais combatividade — perdiam-se rapidamente os privilégios — e surgem os ideais nacionalistas em grande força. Os angolanos oriundos da burguesia, agora lançados no escol de funcionários da administração colonial, não perdem a sua oportunidade de se mostrarem alfabetizados, em oposição aos colonos que, na sua esmagadora maioria, eram iletrados, não poucos criminosos de delito comum (alguns, presos políticos) e por isso mesmo deportados. Surgem grandes jornalistas e grandes cronistas negros. A crónica foi muito cultivada nesta época. E continuou a sê-lo ao longo dos tempos, praticamente até a independência do país, (QUEIROZ, 1990, p. 7 – prefácio).

Constatamos, assim, que a crônica se faz presente nas literaturas africanas, sendo mais uma importante ferramenta da palavra literária, fonte de conscientização e beleza estética. Artur Queiroz destaca o nome de Ernesto Lara Filho entre os grandes escritores da crônica angolana, afirmando que o autor foi um esbanjador de talentos e que em seus textos havia sempre o ideal nacionalista, embora, por vezes, de uma forma confusa (QUEIROZ, 1990, p. 8).

Multifacetada foi sua trajetória literária, vivendo, como as crônicas, um espaço "entre". Ernesto esteve entre o céu e o inferno, entre o sucesso e o desemprego, entre as crônicas e a boemia, como ressalta o prefácio de Artur Queiroz. Porém, como este destacou, Ernesto Lara Filho foi um dos mais importantes poetas angolanos de todos os tempos, foi indubitavelmente o maior cronista dos anos 50 e 60 (QUEIROZ, 199, p. 16).

Ao discorrer acerca de sua cidade natal, Ernesto Lara Filho, na crônica "*Mukanda* de amor para Benguela" (LARA FILHO, 1967, p. 10), percorre as trilhas memorialísticas de seu passado, reinventando pela escrita o lugar onde nasceu e, como afirma nessa crônica, onde deseja ser sepultado. Por meio de seu discurso lírico, saúda o

350º aniversário de sua terra e alerta para o fato de que sua crônica foi escrita com os farrapos da saudade a tremular nos bicos mais altos do coração, com as reminiscências da infância a reluzirem nos quintalões da nossa memória.

Apaixonado por sua terra, Ernesto Lara Filho, ainda de acordo com Queiroz, sempre demonstrou seu apego a Angola por meio de suas narrativas que espelharam a maneira de falar, pensar e sentir de tantos outros irmãos, pois foi ele o primeiro angolano que conseguiu levar para as primeiras páginas dos jornais a linguagem e a língua dos angolanos; escreveu sempre como um angolano. Ou melhor: à sua maneira de ser angolano (QUEIROZ, 1990, p. 15 – prefácio).

Em *Crónicas da roda gigante*, Ernesto defendeu também a importância da leitura e da literatura. Demonstrou saber que, para além de uma ferramenta crítica, o texto, no caso suas crônicas, pode também transmitir um pouco de tranquilidade e leveza ao dia-a-dia de seus leitores:

> O jornal está pronto. Vai seguir, apanhando comboios, aviões, camionetes, carros, a pé, enfim, por todos os meios de transportes, para os quatros cantos de Angola. Vai levar aos Chefes de Posto, isolados, das margens do Cunene a mensagem de alegria, de vida. Vai levar aos comerciantes do Cubango, aos homens que trabalham no mato, aos capatazes, da Ganda e Cubal, um pouco de leitura, de paz e sossego e de interesse pelas coisas de espírito. (LARA FILHO, 1990, p. 25)

Era por meio do jornal que Ernesto irradiava seu labor cronístico, levando aos seus leitores, principalmente aos mais distantes, um pouco do sabor, do cheiro e do aconchego de sua terra natal. Essa proximidade, proporcionada pelo narrador em primeira pessoa da crônica, levava, pela leitura, ao coração de todos um pouco de conforto, encontrado no "papo-fiado" sobre a não vocação de Ernesto para o trabalho, conforme ele mesmo afirmava: "não aprecio o trabalho. Trabalho porque preciso de trabalhar para ganhar a vida. O pão. Mas, repito, não gosto de trabalhar. (...) Eu gostava de ser lírio de campo (LARA FILHO, 1990, pp. 29-31). Consola-se o cronista, entretanto, ao saber que, por meio de suas crônicas, tinha com quem dividir o amor por Angola, por sua terra:

> Depois de Paris e Rio de Janeiro, depois de os visitar, irei morrer ao Hawai. Mas ao «meu Hawai». Vocês não o conhecem? Fica aí a alguns quilómetros da cidade de Luanda e algumas milhas da Ilha dos Padres. Também tem flores e coqueiros e raparigas bonitas para a gente namorar. E depois fica perto de Luanda. Desculpa ter ido tão longe buscar o assunto da crónica. (...) É assim. A gente bem procura libertar-se. Mas quando menos dá por ela, lá

> vem o microbiozinho angolano roer as entranhas de quem lá nasceu. (LARA FILHO, 1990, pp. 34-35)

Descansamos ao compartilhar, por intermédio do cronicar "ernestiano", os domingos de Angola, cheios de paladar, cores e tradições de seu povo: "Para mim, domingo de Angola é paraíso. É um céu. Colorido. É «moamba» de peixe ou caril de galinha de Quilengues. Domingo de Angola não tem rival no mundo. Começa na praia e termina na sesta" (LARA FILHO, 1990, p. 35).

Sentimos alívio ao detectar que, apesar das tristezas vividas pelos povos de Angola, a alegria, marca inerente aos cidadãos desse país, faz com que a esperança seja renovada a cada dia. Ernesto Lara Filho fez questão de retratar, em uma de suas crônicas, essa forma de ser angolano:

> A alegria é tradição. Só tem alegria o homem que tem dívidas. Por isso há em Angola tanta gente alegre. Só tem alegria o desempregado, o infeliz, o ajudante da carrinha. Que veem na alegria a única resposta que podem dar ao mundo no meio de toda a sorte dos seus azares. (...) Só tem alegria o génio que descobre no bolor imundo o milagre da penicilina, o músico que faz a sinfonia na água-furtada e o guarda-nocturno que abre a porta ao ébrio infeliz. (LARA FILHO, 1990, p. 43)

O cronista também confessou seu amor ao Brasil e aos nossos escritores, tais como Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Rubem Braga, entre outros, cujos textos o encantaram e fizeram dele um brasileiro também, como comprova o seguinte trecho: "Sou uma espécie de brasileiro. (...) Um português de Angola, que conhece melhor Érico Veríssimo, José Lins do Rego e Graciliano Ramos do que Eça de Queiroz e Aquilino Ribeiro. (LARA FILHO, 1990, p. 61).

Num discurso altamente poético, apimentado pelo senso crítico, Ernesto Lara Filho, em sua alquimia de cronicar, cria um estilo prenhe de "miscigenação auriverde" para presentear a bandeira brasileira, a nação Brasil:

> Na monumental floresta de cimento armado que é a vossa cidade, há-deflorir uma civilização. A beleza, a humildade, de um azulejo português.
> Isso o que vos ofereço. É isso que vos dedico. Sinceramente. Humildemente. Nessa data. Nessa hora. Azulejo de tons azuis, quase irreais, como o nosso, o vosso céu. (...) Terás uns laivos de tristeza, de saudade, a saudade pungente das nossas letras de fado. Saudade dos entes queridos. Saudade.
> Tingido do sangue comum que verteu nas nossas costas, no martírio dos nossos escravos dos porões das caravelas. Sangue dos nossos irmãos-negros, dos nossos pais comuns, dos nossos soldados, das nossas noivas. Porque afinal, todos nós ajudamos o Brasil a crescer.
> Vai também um pouco do verde claro das nossas florestas. O perfume das nossas flores de café. Para colorir a vossa bandeira.

> O amarelo ouro da nossa amizade. Amizade cor de marfim-velho. Fraternidade. (LARA FILHO, 1990, pp. 62-63)

De crônica a crônica, ou melhor, de azulejo a azulejo, Ernesto Lara Filho construiu um mosaico mesclado de lirismo, arte e pedacinhos de Angola. Na informalidade de sua crônica, podemos nos sentir um pouco cidadãos angolanos, já que delas brotam o amor, a beleza, o gosto, o aroma, a tristeza, a saudade e a esperança, tudo relacionado à terra angolana.

O crítico e poeta angolano David Mestre ressalta características importantes das crônicas "ernestianas", relembrando também que Lara Filho foi leitor de grandes nomes da crônica brasileira:

> Quanto aos cronistas, Rubem Braga em particular, e Fernando Sabino (entre outros), vão ao seu encontro com um projecto bem sucedido para salvar a moderna crónica jornalística do efêmero e precário cotidiano, e conferir-lhe o honrado estatuto de que goza hoje nas literaturas do idioma. Ernesto Lara Filho encarna o modelo, circunstancial mas cheio de encanto poético, que cativa pela simplicidade e agrada pelo tom informal e desafectado, e aduba-o do seu próprio húmus, da sua vertiginosa experiência de crioulo de Angola e cidadão do mundo (MESTRE, 1997, p. 92)

"Gosto de fazer isto — como diz o poeta — soltar pombas, por entre as grades das palavras" (LARA FILHO, 1990, p. 32), afirmou Ernesto Lara Filho. E, pelas asas de suas pombas vestidas de crônicas, esse escritor se tornou um "prosador de primeira água, que arrebatou para as nossas cores um frescor admirável, digno da melhor atenção" (MESTRE, 1997, p. 15).

Diversos outros autores africanos também trilharam o percurso da crônica, demonstrando o papel importante que esse gênero desempenha na Literatura. No prefácio do livro *Crónicas ao sol e à chuva*, de Arnaldo Santos, João Melo disserta acerca das funções que a crônica pôde e pode cumprir a partir das mãos dos jornalistas e escritores de Angola:

> Com efeito, o recurso à crónica sempre constituiu para os jornalistas e escritores angolanos (...) uma tentativa consciente de introduzir uma nota de lucidez e insubordinação no discurso monocórdio e totalizante de todos os entões. Nas suas crônicas profundamente vinculadas ao quotidiano, os escritores-jornalistas (ou o inverso, tanto faz...) angolanos, portanto, faziam muito mais do que simplesmente contar histórias: resgatavam, mesmo que recorrendo à invenção e/ou à parábola, uma realidade quase sempre ignorada ou fantasiada pelo discurso oficial, nas diversas etapas históricas por que passou o país, ajudando, assim, a entendê-lo melhor. (...) as crónicas eram brechas por onde a vida se infiltrava, simples, discreta e poderosamente (MELO, 2002, p. 13 – prefácio).

Sem perder a simplicidade de uma boa conversa, típica do bom cronicar, Arnaldo Santos (2002, p. 10) temperou criticamente o seu papear cronístico. No texto "Profissão de fé", o escritor leva o leitor angolano a refletir sobre seu papel de cidadão na construção da história de Angola e na busca pela paz. Nas pequenas atitudes e no seu simples dia-a-dia, os angolanos poderiam contribuir, assim, para a edificação de um país melhor para todos:

> E é, pois, com esse sentimento gentílico e a sempre irresistível utopia da criação desse mundo novo – (onde será que eu já li isto?) – que eu me ateimo aqui em me querer reencontrar com todos aqueles que acreditam que ainda podem fazer a história deste país. Vivendo suas estórias pequeninas, com dignidade e respeito por si próprios, na roda do nosso fogo comum (SANTOS, 2002, p. 20).

Captamos, nesse trecho, a esperança vizinha da desesperança. Arnaldo também falou da incredulidade no Governo, em "A Alta Autoridade" (SANTOS, 2002, p. 21). Como cidadão, desabafou: "Essa Alta autoridade que nos prometeram, faz já muito tempo, está embora andar muito devagar, arrastando os pés xacato-xacato, demorando a chegar". Continuou o discurso, demonstrando que acreditar nas autoridades do país já não era possível e que a Alta Autoridade talvez jamais viesse a existir: "Foi prometida há um ror de tempo, (...) é a Alta Autoridade contra a Corrupção, designação que só por si fez palpitar nos corações das gentes sentimentos desencontrados, quiçá, o da esperança, o que se reconheceu depois ser prematuro e excessivo" (SANTOS, 2002, p. 21).

Percebemos aí um desencanto com as autoridades, mas uma crença no futuro de Angola: os jovens. Em "e assim foi como veio a ser da maneira como será", Arnaldo Santos (2002, p.45) mostra que, apesar de ainda não votarem, a juventude que possui menos de dezoito anos não pode ser ignorada como uma parte inexistente do país, pois indica como será o amanhã de Angola: "Ignorar essa geração de menos de dezoito anos é subestimar sua existência. Impossível, porque eles são centenas de milhar, e também porque eles é que dão significado à expressão, que assim foi como veio a ser da maneira como será amanhã". (SANTOS, 2002, p. 46)

De simplicidade aparente mascaram-se, entretanto, as crônicas de Arnaldo Santos. Elas demonstram que da mera "conversa" podem brotar importantes críticas e reflexões, sem que se abra mão da clareza, da espontaneidade e da leveza.

Outro grande escritor angolano, Manuel Rui, também cronicou e, em *Maninha*, escreveu crônicas disfarçadas de cartas (ou vice-versa) para narrar o cotidiano da pseudo-autora, Maninha, que assina as missivas endereçadas às suas "queridas primas". Essa personagem descreve, por exemplo, como foi o seu domingo ao lado do tio: "O domingo aqui é assim. O tio ficou a giboiar uma funjada e eu fui numa volta com o profe [sic] na ilha, já de noite"(RUI, 2002, p. 20).

Como o próprio título do livro nos diz, são cartas otimistas e sentimentais, necessárias em tempos tristes, tempos de guerra (os textos foram escritos entre 1992 e 1994). As cartas-crônicas adotam, nesse livro, um tom íntimo, profundo, parecendo, às vezes, só ser possível o entendimento entre as primas. Pouco a pouco, passamos a "bisbilhotar" os dias de Maninha e, assim, fazendo parte de sua intimidade e amizade em relação às primas, nos sentimos também como se fôssemos parentes dela.

Redigidas sob títulos bem sugestivos, como "É bom, é nacional!", "Viva o petróleo burro", "Globalização", vemos que, da espontaneidade da língua nas cartas, nascem reflexões e histórias importantes. E por que não falar do interesse mais importante, a paz? E Maninha declara seu desejo por uma trégua:

> As primas disseram que viram nessa televisão uma surra que os bimbitas levaram na Katabola? eu não vi nem ouvi mas assim é melhor até no dia em que lhe acabarem com a guerra que às vezes até fico a pensar como é que deve ser viver em paz porque nasci já na guerra e sempre com a guerra e aí vocês já devem saber essa maneira de viver a paz mas olhem que devia ser proibido pessoas da nossa idade viverem na guerra que isso só devia ser uma maka dos mais-velhos mas vamos fazer mais como se eles é que inventaram a guerra mas assim podia nos dar também só um cochito de paz mesmo que fosse a pagar em Kwanzas que em dólares também era demais e um beijo cheio de paz desta vossa. (RUI, 2002, p. 197)

Apesar do país em guerra, os textos de Manuel Rui expressam a simplicidade do cotidiano, do povo angolano, as alegrias dos instantes líricos e subjetivos. Crônicas que não querem só escrever desalentos, disfarçando-se de cartas, na esperança de levarem ou trazerem otimismo e bons sentimentos.

Não poderíamos deixar de falar das crônicas do escritor moçambicano Mia Couto. Seus livros *Cronicando* e *O país do queixa andar* também demonstram com muita propriedade o sabor de cronicar. Na crônica "Mulher roxa em vestido laranja" (COUTO, 2002, p. 73), Mia Couto emprega uma característica bastante comum às crônicas: a inserção de personagens ficcionais para abordar cenas do dia-a-dia. Em primeira pessoa, o cronista adverte, afirmando: "esta história eu que inventei. (...) Ficção e realidade são as gémeas e convertíveis filhas da vida". (COUTO, 2002, p. 73).

O texto “O jardim marinho” se inicia com a expressão *Era uma vez* (COUTO, 2002, p. 53). Usando também esta expressão própria dos contos infantis, reafirmamos e ousamos continuar: “Era uma vez uma crônica que não desejava ser só crônica, queria ir além. Casou com o conto, tendo as parábolas e estórias como parentes próximos”. Pronto. Essa é uma das justificativas que fez nascer o livro *Cronicando*.

Misturando características de contos e crônicas, Mia Couto seduz e conduz o leitor por linhas repletas de imaginação, lirismo e reflexão, como em “Balões dos meninos velhos”. Nesse texto, alerta-nos sobre a situação dos mais velhos em Moçambique, muitos abandonados em asilos. Numa “até” divertida festa de Natal, percebemos a solidão, a indiferença e a carência (de tudo) em que esses cidadãos se encontravam. Ao fim, uma das personagens diz: “Senhor director, não será que podemos ter mais Natais, muitas vezes cada ano?” (COUTO, 2002, p. 81).

Cronistas brasileiros e africanos demonstraram ser esse gênero, embora multifacetado e carregado da naturalidade do cotidiano, uma forma textual bastante importante para a Literatura. Um gênero digno de ser analisado, sim!

REFERÊNCIAS:

ANDRADE. Carlos Drummond de. *Cadeira de balanço*. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CANDIDO, Antonio *et alii*. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas; Rio de Janeiro: UNICAMP; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

COUTINHO, Afrânio. “Ensaio e crônica”. *In: A literatura no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Global, 2003, 6. v.

COUTO, Mia. *Cronicando*. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2002.

GULLAR, Ferreira. *Coleção melhores crônicas*. São Paulo: Global, 2004.

LARA FILHO, Ernesto. *Crónicas da roda gigante*. 364. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

MELO, João. “Prefácio”. *In:* SANTOS, Arnaldo. *Crónicas ao sol e à chuva*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2002.

MESTRE, David. *Lusografias crioulas*. Évora: Editorial Pendor, 1997.

QUEIROZ. Artur. “Prefácio”. *In:* LARA FILHO, Ernesto. *Crónicas da roda gigante*. 364. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

RUI, Manuel. *Maninha: crónicas (cartas optimistas e sentimentais)*. Luanda: Editorial Nzila, 2002.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005.

SABINO, Fernando. “A última crônica”. *In*: *Para gostar de ler*. 14. ed. São Paulo: Ática, 2006, 5 v.

SANTOS, Arnaldo. *Crónicas ao sol e à chuva*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2002.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. “Prefácio”. *In:* SANTOS, Joaquim Ferreira dos. (Seleção). *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.